

APRESENTAÇÃO

Campo e cidade têm sido habitualmente pensados e referidos como realidades separadas e contrastantes. Essa separação, bastante antiga, acentua-se com o desenvolvimento do capitalismo, da industrialização e da urbanização, alimentando perspectivas que consideram o campo e a cidade em termos opostos, em torno das quais imagens e atitudes foram se cristalizando e se generalizando historicamente.

O primeiro, como o lugar onde se constituem modos de viver vinculados à natureza, com uma economia doméstica e formas simples de organização social; o lugar da tranquilidade, mas também da ignorância e do atraso. A segunda, como o lugar das realizações, do saber, da produção, da comunicação por excelência; o lugar do fortalecimento da política e da administração, como também o lugar da multidão e do barulho.

Reexaminar essa divisão e essa oposição, refletir sobre campos e cidades como fatos sociais e como paisagens fortemente imbricados, ou como dimensões de uma mesma realidade, vivida e pensada sob a forma de idéias, imagens e formas construídas, coloca-nos em perspectiva de fazer uma análise crítica desses processos, dos mecanismos de dominação e exploração subjacentes ao seu desenvolvimento; significa, também, refletir sobre campo e cidade como realidades dinâmicas e sobre suas relações em constante transformação.

Explicar modos de constituição e transformação do campo e da cidade em termos relacionados não implica reduzir um à outra, mas estar alerta às peculiaridades de cada um, como também à historicidade dos conceitos e imagens através dos quais se constituem.

Ao longo da constituição das cidades e dos campos, sua materialidade mais visível, tanto quanto as relações sociais que a engendram, expressando-se sob a forma de trabalho, de sociabilidade, de comunicação, de uso e de significação dos espaços, constituem-se e se reelaboram, numa relação mútua e contraditória. De maneiras sutis, nuançadas, submersas, ou pouco aparentes, a relação campo-cidade vai deixando suas marcas, ativa e continuamente, no espaço vivido. A vida nas ruas da cidade traz a

presença do campo; pessoas que para ela afluem trazem em suas mentes e sentimentos vivências rurais; em suas bordas pulsam viveres rurais, assim como viveres engendrados na cidade vão penetrando no campo, modificando gestos e rotinas diárias, transformando olhares e perspectivas.

Buscar entendê-las, não como abstrações, mas em sua historicidade, como realidades vividas e construídas, buscar compreendê-las a partir de um presente vivenciado como tensão é abrir possibilidades para reflexões mais abrangentes e profundas sobre os mecanismos da mudança.

Abrimos o presente volume de Projeto História com poesias de Gerald Denley que nos trazem, com muita sensibilidade, uma São Paulo dos anos 1950, impregnada de vivências e imagens bucólicas, hoje já mais distantes nesta grande metrópole.

As traduções nos transportam para a escuta da cidade através das palavras, privilegiando a maneira pela qual as pessoas não só se exprimem, como também organizam sua vida cotidiana, animam seu tempo de trabalho e de lazer, constroem seu imaginário, tecem elos entre si e com os lugares que habitam e que representam. A palavra, já dizia alguém, representa, justamente, um dos meios pelos quais homens e mulheres transformam “seus” espaços em ambientes tangíveis, que correspondem a suas escalas e exprimem seus valores. Os autores interrogam lugares onde essa produção oral se forja e novos modos como ela se constitui. No entretecer da experiência, as palavras viajam de boca em boca, do oral para o escrito, do escrito para o oral, do campo para a cidade e vice-versa. No dizer de Mihaela Bacou e Brunhilde Biebuyck, “algumas reagem ao espaço urbano, agindo sobre ele, transformando fachadas, suas instituições, outras clamam ou exorcizam os temores e a inquietação associados ao anonimato, à multidão e a sua companheira, a solidão”¹; é o caso dos rumores. Outras refletem os elos de convivência e os sentimentos de pertença expressos na vida diária, como os que se enunciam nos mercados e nos subúrbios.

Embora destaquem tipos de palavras relativos a lugares onde elas se expressam, sem tecer maiores considerações sobre os grupos que as praticam ou sobre os processos sociais por meio dos quais se engendam, esses textos servem-nos de inspiração para pensar modos como, através das palavras, viveres rurais e urbanos imbricam-se, interagem e tensionam.

1 *Cahiers de Littérature Orale*, 24, Paris, Inalco, 1988, p. 10.

Explorando múltiplas linguagens e práticas forjadas na cidade e/ou no campo, como a pintura, a literatura, a oralidade e a própria tecnologia, os artigos, as resenhas e as pesquisas nos introduzem a formas através das quais se recriam, ampliam-se e misturam-se experiências urbanas e rurais, que também se armazenam, difundem-se e se reelaboram pelos processos da memória.

A entrevista com Alain Corbin nos remete aos modos de viver em florestas e pequenas cidades francesas do século passado, ampliando as possibilidades de historicizar as paisagens do campo e da cidade, assim como os sentimentos de homens comuns, suas sensibilidades auditivas, visuais e táteis.

Na entrevista da senadora Marina Silva, as relações que pretendemos pontuar neste número ganham expressão na dinâmica florestas/cidades a partir das políticas governamentais dos anos 1970 que, para a Amazônia, significaram as empresas seringueiras, o devastamento de culturas e ecossistemas da região, com a instauração de grandes projetos agropecuários.

Entre as teses e dissertações defendidas no Programa de História da PUC-SP, Projeto História 19 destaca as dissertações apresentadas pelos alunos do Mestrado Interinstitucional realizado, com muito sucesso, pela PUC-SP com a Universidades da Bahia.

Yara Aun Khoury
Editora Científica